

**OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA E RASTREAMENTO TÁTICO: A
CONVERGÊNCIA IDENTITÁRIA ENTRE FÁBRICAS E PRESÍDIOS**

Helmano de Andrade Ramos¹

O trabalho a seguir subverte o enquadramento textual em favor da possibilidade de aplicar intensa carga pessoal, a demonstrar outra forma do fazer² prático entre detentos e diretores da penitenciária Regional do Serrotão, 2008, sob um movimento que primeiro ensaia argumentos em favor de uma forma de buscar³ os poderes-saberes⁴ obscurecidos por entre os discursos políticos, judiciário e a disparidade da prática custodial e a partir disso colocar um posicionamento específico em respeito das problematizações que estão na emergência do debate historiográfico sobre a perda das memórias e ou pior do esquecimento⁵. Assim optou-se por descrever, formas de contato com ambas as identidades⁶. Obter ambíguas formas de confianças a rastrear todo o discurso e as formas com que ambos estavam buscando obscurecer e ao mesmo tempo demonstrar por suas formas discursivas, os fazeres e as praticas cotidianas que os relacionam entre si⁷. Esses ganham em grande medida características próprias quando alinhadas a novos tipos de perguntas conjecturas e abordagens. Para isso aplicou-se ao ponto que expôs a crítica teórica pela junção⁸ entre Michel Certeau (2000-2001) e

¹ Graduado e Bacharelado do curso de História - UFCG.

² Ai a clara influencia de Michel de Certeau, A Invenção do cotidiano, 2000/2001

³ No sentido Blochiano de necessidades do presente para se perguntar no passado “as avessas” Apologia à História, 2001

⁴ E início das polêmicas junções teóricas.

⁵ Lembrando o debate de Francois Dosse sobre a perda das memórias no artigo “A História e guerra das Memórias” Revista Saeculum, 2009 e o perigo em que isso consiste.

⁶ Sob a primeira forma de rastreamento

⁷ Levantamento da hipótese Ramos 2008 da morte dos estupradores estarem vinculados a tais códigos culturais em comum.

⁸ E a perda da oportunidade de dois grandes historiador e filosofo da década de 70.

Michael Foucault (2007-2008), através do movimento narrativo⁹ vinculada a semiótica interpretativa do pesquisador aproximando-se das temáticas narrativas¹⁰, pelo método etnográfico de Clifford Geertz (1978-1998) através da descrição densa do que se observou in loco em dias de visitas¹¹. Possibilitando uma forma empírica e legítima¹² de apreensão do espaço e suas práticas entre poderes e saberes em seus interiores e em comunicação entre si, até chegar a convergência entre as identidades constitutiva de um presídio que acaba por fabricá-los tal qual o projeto fabril moderno¹³, visando chegar por rastros ao referente¹⁴ as prática ocultas¹⁵ que em última instância se faz como a convergência entre opostos e complementares¹⁶.

Do debate com os testemunhos e orientadores surge à necessidade de sistematizar os pensamentos referentes a um único objeto¹⁷, contudo com infinitas possibilidades de trabalho, sendo essa a principal qualidade da descrição para os trabalhos e fundamentalmente articulação por entre as diferentes correntes teóricas do debate historiográfico, mas também social e jurídico¹⁸, em se tratando da importância do posicionamento dos cientistas em geral e principalmente em se tratando da História problematizada de dentro de um mal estar científico ate a crise completa¹⁹ interior científico já discutido desde a corrente do Annales, História social, Historia Econômica, Cultural, e que segundo vários autores possivelmente se fragmenta com o chamado Pós Estruralismo²⁰.

De forma que se mantém um movimento lógico de defesa de uma forma legítima de se fazer uma pesquisa histórica verdadeira²¹, tanto quanto buscando em seu percurso final estabelecer debates emergentes no interior das ciências e das sociedades tal qual Bloch, Thompson, Certeau, buscando a readmissão de Foucault pela observação

⁹ Segundo Paul Ricoeur, 2008 a forma historiadora de compreensão/explicação.

¹⁰ Uma arte para compreender/explicar

¹¹ Rastro importante talvez a única forma para inserção entre os detentos e seus espaços

¹² Segundo os teóricos utilizados no trabalho.

¹³ Eis o surgimento das leis civis e penais após as leis sobre as propriedades privadas e fabricas

¹⁴ Importância da forma de pesquisa qual Carlo Ginzburg, Mito, Emblemas e Sinais 1989

¹⁵ Esse claramente no sentido foucaultiano de relação de poderes

¹⁶ Matematicamente possível, apesar do ideal da atmosfera geométrica moderna do isolante.

¹⁷ O complexo Penitenciário do Serroão, contendo mais duas Penitenciarias pesquisadas posteriormente

¹⁸ Atentar a situação das cadeias desde suas origens

¹⁹ Francois Dosse, “A Historia e guerra das Memórias” Revista Saeculum, 2009

²⁰ Principalmente no que se refere aos ditos Foucaultianos que “emprenham” seus escritos dizendo que tudo é discurso e que autonomia tem como referente o leitor e não mais o autor, como cai no conto de fim da Historia falha Francesa alertada por Ginzburg.

²¹ No sentido de aproximação dos fatos, mais do que dos acontecimentos

fundamental sobre as relações de poderes já do início das prisões modernas e subvertendo dele as indicações discursiva desligada da efetivação prática²².

Então pode se relacionar que a primeira pesquisa sobre o qual o autor ainda titubeava se fez em meados de Agosto de 2005 iniciando uma serie de visitas-pesquisa na Penitenciária Provisória do Monte Santo visando estabelecer alguns vínculos entre as representações corporais, tatuagens nos corpos dos detentos e as e atividades desses dentro das hierarquias criminais²³.

Contudo as hipóteses sobre possíveis vínculo entre tatuagens e delito, pautadas em senso comum infundaram-se, quando da aproximação entre os apenados do Presido Regional do Serrotão²⁴, e para antecipar o resultado, ficou-se com séries de relatos que informam sobre o desejo de efetuação do desenho²⁵, abordando mais uma questão sentimental, mas que principalmente possibilitou o contato com lideranças entre os detentos à época²⁶.

A partir do aceite do testemunho²⁷ em auxiliar na elaboração de um livro²⁸ cuja elaboração de uma hipótese e sua fundamentação teórica tornaram-se a base da defesa de curso de Licenciatura em Historia; “Da Arquitetura a Leitura Marginal: Fundamentos cotidianos na formatação da identidade apenada (RAMOS, 2008), trazendo a idéia de que a partir de uma descrição densa das estruturas que compõem a Penitenciária Agrícola do Serrotão, se poderia identificar as diferentes relações de poderes em tais espaços, a definir diferentes identidades marginais, através do debate entre Michel Foucault e Clifford Geertz²⁹.

A partir do início das leituras de Michel de Certeau a respeito da pluralidade de culturas e conseqüentemente das identidades. Nesse sentido insiste-se com a idéia de identidades, contudo expandiu-se as noções tanto de relação de poderes para o âmbito

²² Para ironizar um pouco com a grave problemática sabe-se que discursos não matam e ou mitigam indivíduos, em seu mais importante elemento que a vida, que o que não é senão pratica cotidiana.

²³ Isso relativo à nossa experiência de visitas que diferencia os detentos por poderes-saberes

²⁴ De execuções penais

²⁵ Geralmente de péssima qualidade e elaborado com tinta de caneta, das cartas (catatau), introduzida em gravador de pilha

²⁶ E sua fundamental importância na indicação de caminhos paralelos de investigação

²⁷ Detentos dos pavilhões individuais 8/9.

²⁸ Pretendo livro do qual não se abriu mão, mas do qual “Ramin” não o vera já que foi assassinato 2008.

²⁹Essencial para não citar toda a bibliografia

oficial³⁰, bem como suas identidades, a partir de uma revisão monográfica, dentro do projeto de Bacharelado (2010).

Contudo para o mestrado o que foi pensado foi à linha que define outra hipótese para a formação das identidades prisionais está associada a saberes fazeres práticos internamente e que passa fundamentalmente pela substituição a partir dos artigos permitidos, os quais foram divididos em três sessões de atividades para tornar latente as insistentes praticas cotidianas prisionais definidas como; oficiais, oficializadas e marginais, assim chegamos desde as atividades rotineiras na cozinha, administração, chácara enfermaria, enfim todas as atividades exceto a segurança são desenvolvidas pelos apenados.

Em termos oficializados a importância fundamental do comércio interno³¹, por fim a infinidade de instrumentos elaborados pelos apenados seja para as necessidades básicas como manutenção da vida no caso dos espetos, marombas, fogões, satisfação, caso de drogas e bebidas artesanais ou mesmo mantimento do sistema pelo equilíbrio entre as forcas.

Essa pequena introdução inicia uma tônica que não se imagina inocente, primeiro porque se trata da Penitenciária Regional do “Serrotao” sob referência nominalística do Serrotão, pela de sua localização em uma serra³², eis a possibilidade de articulação com das infinitas práticas marginais através dos discursos políticos administrativo, sapiência e atividade conjugada entres esses para a constatação de fatos referentes próximo as relações entre saberes mas também entre as relações de poderes oficiais e marginais.

De forma que o trabalho está convencido do sentido de primeiro pensar a pratica marginal evidenciada constantemente no interior prisional, principalmente porque está ligado a determinados espaços ocupados em seus termos burlativos das imposições/intenções dos seus fins³³, através de códigos culturais específicos³⁴, que em ultima instancia são apreendidos pelo próprio aparato oficial e que será utilizada como única fonte de abordagem deste ensaio.

³⁰ Inseriu-se na investigação o papel da direção como gestor dessa atmosfera cotidiana

³¹ Código de leis internas de livre comercio entre lícitos e ilícitos

³² Imagem anexo

³³ Narração Severino dos Ramos “Cela em cadeia é paga”

³⁴ Anexo o código de leis interno obtido durante a pesquisa 2008.

Os acusados administravam o tráfico de drogas e negociavam armas para a realização de assaltos. Presos do regime semi-aberto (Sic) pagavam propinas para policiais militares e agentes penitenciários para terem regalias e poderem se ausentar do presídio do Serrotão por longos períodos, quando realizavam as ações criminosas.

Assim tem-se a possibilidade de perfeitamente se articular Foucault pela emergência das relações de poderes entre diretores policiais agentes e detentos que faziam da instituição um estabelecimento de propinas e lucros a partir de práticas concretas e que certamente relaciona-se a algum tipo de morte, salienta-se isso quando a memória, semiótica factual consegue relembrar as narrações de Severino dos Ramos ao dizer que não voltaria, estando em albergue e tendo atirado em um policial, ainda que ao tempo conseguiu-se relatos dos diretores reordenando o que a investigação policial indica como “construções de casas no interior do presídio”³⁵, como derivadas da inatividade ocupacional por parte dos agentes sendo para este fim sua construção mas que alastrou como habitações apenadas.

Isso para atentarmos para conceitos básicos da filosofia que diferencia já desde Nietzsche as palavras e as coisas ou os discursos no sentido extramoral para tratar a penitenciária como espaço fabril, através da exposição de dois locais discursivos identificados entre a oficialidade e a marginalidade institucional.

Sob interesse por parte dos oficiais na separação entre as identidades (discurso paternalista), em seguida, a denúncia das convergências culturais através da leitura marginal trazida por um dos “chefes de pavilhões” (representado entre patrões e operários como o fiscal). rastreando os interesses “ocultos” ao discurso, mas reluzentes entre as práticas quais; comércio, construções de casas, propina para aluguel de armas, quebra dos albergues, assassinatos de estupradores tal qual uma fábrica em que no período de uma gestão administrativa (três anos) em que manteve o equilíbrio entre os supostos opostos, que quando completos demonstram seus produtos, fazendo do cômico a tragédia da ciência moderna e das prisões.

Por último se afirmou no período entre 2005 e 2008, a observação do discurso oficial buscando enquadrar os detentos à determinado tipo de ordens narrada e exposta visualmente como regras afixadas em todas as partes da direção, contudo observamos também o aval dos próprios detentos a permitir o contato com os diretores desviando os

³⁵ Jornal da Paraíba, 05 de Julho de 2008

objetivos iniciais da pesquisa, mas demonstrando um vínculo até então desconhecido, de forma que tal evidencia a comunicação entre os supostos opostos fundadas na comunicação cultural entre oficiais e marginais, formulando práticas que se tornam notícias em tempos, mas que marcam a história das prisões e sua reprodução maciça no período contemporâneo sob o ideal político impositor que diferente do discurso e fundamentalmente prático lucra tanto com a instituição discursiva em torno da ordem quanto com sua inversão.

BIBLIOGRAFIA

CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michael de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: morar, cozinhar (vol. 2). 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder, 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal editora, 2007.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: História da violência nas prisões, 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa, Petrópolis: Vozes, 1998.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores. Rio de Janeiro, 1978.

RICOEUR, Paul. História, memória e esquecimento. Campinas: Unicamp, 2008.

DOSSE François. A História e a guerra das memórias in Revista Saeculum, 2009.

BLOCH, Marc. Apologia à História ou o Metier do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2002

1. Entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho” em agosto de 2007.
2. Entrevista realizada com Aldo Riccelli em agosto de 2007.
3. Entrevista realizada com o diretor do presídio em agosto de 2007.
4. Fotografias cedidas pela direção do Presídio.
5. Fotografias feitas *in loco*.

6. Registro cartorial da edificação do Presídio.

7. Anotações realizadas a partir das observações que fizemos nas visitas periódicas ao *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, iniciadas em junho de 2005 e encerradas em maio de 2008. Neste período, além de dialogarmos com os apenados de maneira geral, dialogamos com os detentos das celas do “seguro” e da “favela”.